

TECNOLOGIAS MÓVEIS, VIDA COTIDIANA E COMUNICAÇÃO INSTANTÂNEA

Mobile technologies, daily life and instant communication

Lívia Assad de MORAES¹; Marildo José NERCOLINI²;

Resumo: O artigo aborda a incorporação das tecnologias móveis à vida cotidiana, a partir dos novos aplicativos de conversação instantânea. Analisamos de que modo os usos dessas tecnologias alteram as relações com o território e a formação das identidades. As experiências de mobilidade permitem outras concepções de espaço, padrões culturais e formas de convívio, com características específicas, que complementam espaços tradicionais de sociabilidade e expressão simbólica.

Palavras-chave: cultura da mobilidade; identidade; território; sociabilidade; comunicação instantânea.

Abstract: This article explores the incorporation of mobile technologies to daily life, taking as a starting point the new applications of instant conversation. We analyze how the uses of these technologies modify relations with the territory and identity formation. The new mobility experiences allow other conceptions of space, cultural patterns and forms of conviviality, with specific characteristics which complement traditional forms of social interaction and symbolic expression.

Keywords: mobile culture; identity; territory; sociability; instant communication.

¹Jornalista, formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente, mestranda no programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense (UFF), com bolsa da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: livia.assad@hotmail.com

²Professor do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui graduação em Ciências Sociais pela UNISINOS, mestrado em Sociologia pela UFRJ e doutorado em Letras UFRJ. E-mail: mjnercolini@gmail.com

Introdução

Nas últimas décadas, o amplo processo de aceleração tecnológica, intensificação dos fluxos globais de informação e popularização ultrarrápida de novas mídias digitais promoveu a articulação de uma sociedade em rede e hiperconectada, na qual pessoas, mensagens, conteúdos e serviços circulam pelo planeta em velocidade recorde. A globalização — definida por Milton Santos como “estágio supremo da internacionalização”, em que o planeta é interconectado por um único e avançado sistema técnico, indispensável à produção, ao consumo e a intercâmbios de vários tipos (SANTOS, 2002, p. 79) — ajudou a ampliar as conexões, a todo momento e em tempo real, tanto em busca de informação e entretenimento, quanto para contatos e trocas com pessoas e grupos de qualquer parte do mundo.

A virtualização, que alcança as relações humanas, tem a ver com a digitalização dos sistemas, redes, circuitos e plataformas de comunicação, que gera a integração dos meios com dinâmicas de produção, transmissão, circulação, recepção e permutas de mensagens, imagens e sons. As experiências mediadas por dispositivos tecnológicos reorientam a sociabilidade, a percepção dos espaços físicos e a produção simbólica.

Recentemente, a popularização das tecnologias móveis acentuou ainda mais o processo que se iniciou com o acesso fixo à Internet, criando novas formas virtuais de comunicação e de compartilhamento de conteúdos e informações. *Smartphones* e *tablets*, dotados de aplicativos, *softwares* e funcionalidades próprias, permitem ao usuário permanecer conectado à rede o tempo inteiro e deslocar-se pelo espaço físico sem se desligar do mundo virtual. A telefonia sem fio, que até pouco tempo atrás oferecia chances relativamente restritas de interação (ligações e mensagens SMS), passou a contemplar diversos canais destinados à recepção, à produção e ao compartilhamento de dados, mensagens, imagens, fotos e vídeos. A variedade de aplicativos de conversação, como o *WhatsApp*, que podem ser baixados gratuitamente, alargou as possibilidades interativas e facilitou o diálogo entre pessoas que se encontram geograficamente distantes. Além das ferramentas dedicadas à sociabilidade,

podemos mencionar aplicações interativas, como *Google Maps*, *Easy Taxi* e outras, destinadas à compra de ingressos e passagens e os guias de restaurantes, que dão acesso a informações e auxiliam a circulação de pessoas pelo espaço urbano.

O objetivo deste artigo é, assim, analisar de que forma os usos dos telefones celulares de última geração e os aplicativos de comunicação móvel instantânea (como *WhatsApp* e *Facebook Messenger*) alteram as relações com o espaço físico e a sociabilidade. Lançando mão de revisão bibliográfica, conexões e diálogos com outros autores, procuramos evidenciar que as tecnologias móveis promovem novas vivências com o território e com pessoas, permitindo que os usuários estejam fisicamente presentes em um ambiente, mas sintam-se envolvidos em um espaço virtual.

Interessa-nos mostrar que o fator tecnológico, especialmente no momento atual, interfere e reconfigura os convívios entre indivíduos e grupos, superando o tempo em que o elemento presencial e as tradições fixas de contato prevaleciam. Com isso, as novas interações suscitam outras maneiras de lidar com o espaço físico e com o espaço urbano.

Para o desenvolvimento do trabalho, nos baseamos na tese de André Lemos (2010), que acredita que esta geração de dispositivos móveis de comunicação redefine as dimensões locais e os espaços físicos, como acontece, por exemplo, com o acesso, a produção e a circulação de informação em tempo real. Consideramos igualmente as constatações de Rosalía Winocur (2009) de que, na era das redes móveis, os conceitos de longe/perto, presença/ausência também sofreram reestruturações. Permanecer isolado hoje não corresponde mais a estar longe ou ausente, mas *off-line* ou desconectado. O celular consiste num fator importante para a inclusão dos sujeitos em grupos, situações e lugares. Como avalia a autora: “No concerto dos ruídos urbanos, os toques de celular adquiriram sua própria marca de identidade, pois eles nos tornam identificáveis, proclamam que não estamos sozinhos e marcam territórios de inclusão e exclusão” (WINOCUR, 2009, p. 43).

Mobilidade e território

Como ressaltamos anteriormente, a expansão da utilização de celulares e dispositivos móveis com acesso à Internet vem modificando as relações do indivíduo com o contexto à sua volta. Sobre a atual fase de desenvolvimento tecnológico, André Lemos (2009b, p.28) assinala que há hoje uma mobilidade informacional, atrelada a uma mobilidade física. Para ele, a união dessas duas dimensões da mobilidade resulta numa dinâmica complexa entre os espaços público e privado, que produz, entre outros fatores, cultura, sociabilidade e subjetividade. Segundo o autor:

A cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas. Para a comunicação, a mobilidade é central, já que comunicar é fazer mover signos, mensagens, informações, sendo toda mídia (dispositivos, ambientes e processos) estratégias para transportar mensagens afetando nossa relação com o espaço e o tempo (LEMOS, 2009b, p.28).

O ineditismo de um “ambiente generalizado de conexão” (LEMOS, 2010, p. 157) traz consigo um questionamento sobre as relações com o espaço e com pessoas. Os dispositivos móveis acompanham principalmente a rotina dos jovens em tempo integral, formando uma “nova configuração dos lugares, das relações e da comunicação nos diversos sistemas e situações sociais” (LEMOS, 2009b, p. 32), que afeta vários campos da vida cotidiana.

Se adotarmos a visão de Agnes Heller (2008), perceberemos que a vida cotidiana é suscetível a uma série de interferências externas, o que inclui as tecnologias que vêm mudando, em intensidades e gradações diferentes, as rotinas pública e privada dos usuários. Heller define vida cotidiana como “a vida do homem inteiro”, comportando os múltiplos aspectos da individualidade e da personalidade dos sujeitos. De acordo com a autora:

Coloca-se “em funcionamento” todos os sentidos, todas as capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (...). São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação (HELLER, 2008, p. 31-32).

Heller nos mostra a amplitude e a variedade dos elementos presentes na vida cotidiana, que a tornam heterogênea, complexa e passível de transformações. No tema aqui estudado, a comunicação em tempo real e a mobilidade mudam as relações do indivíduo com o espaço, reduzindo-se a diferença entre estar presente fisicamente ou virtualmente. Bauman foi mais além ao assegurar que, no caso específico do celular, a localização geográfica e as pessoas ao redor do usuário deixam de ter a importância de antes. Vale agora, na opinião dele, estar conectado, pois só assim o indivíduo nunca ficará “trancado em um lugar”, jamais se encontrará “fora ou longe”, mas sempre dentro e presente (BAUMAN, 2004, p. 79-82).

A mobilidade introduz a possibilidade de que esses indivíduos estejam fisicamente presentes em um ambiente, mas sintam-se envolvidos em um espaço virtual. A vivência em dois lugares simultaneamente altera as formas de se relacionar e de interagir com as situações e com o território ao redor. André Lemos (LEMOS, 2009b) sublinha que a mobilidade leva à produção de novos espaços, isto é, através dela, os lugares ganham outra dimensão de sentido, concebendo uma “des-localização”.

Na perspectiva de Manuel Castells, com a renovação de dinâmicas comunicacionais e culturais decorrentes da aceleração tecnológica, “localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares” (CASTELLS, 1999, p. 397). Nesse espaço de fluxos, prosperam outros modos de interação, com características específicas e interesses compartilhados, que complementam lugares tradicionais de sociabilidade e expressão simbólica. A concepção adotada pelo autor é essencial para a compreensão do cenário discutido neste artigo. No entanto, ousamos adaptá-la apenas em um ponto: acreditamos em um espaço de fluxos que substitui parcialmente o espaço de lugares, mas não é capaz de eliminá-lo por completo.

Rosalía Winocur (2009) concorda que, diante das mudanças introduzidas pela globalização e pelo avanço das tecnologias digitais móveis, o conceito de local já não

pode mais ser pensado somente em referência ao território. Ela defende a necessidade de entendê-lo “em relação com os fluxos midiáticos e migratórios, não no sentido de que o território desapareça nem perca sua importância, mas no sentido de como ele se reconstitui nas relações virtuais e cara a cara” (WINOCUR, 2009, p. 19).

Devemos perceber que os territórios físicos e o local a partir do qual se fala não deixam de ter um papel relevante, mas sofrem transformações no contexto da mobilidade. André Lemos sinaliza:

“Des-locar” significa causar turbulências, mas não necessariamente apaga a dimensão espacial. Toda nossa experiência é fundada em lugares e, por mais que as novas tecnologias sejam sofisticadas e permitam ações à distância, nossa experiência é sempre locativa (...). Há, seja socialmente ou individualmente, a necessidade de ancorar a experiência em um contexto local. É justamente este pertencimento que funda um lugar (LEMOS, 2009b, p.32).

O autor acrescenta que o celular, ao mesmo tempo em que modifica as relações do usuário com o espaço físico real, amplia o compartilhamento das experiências locais. Aplicações como *WhatsApp*, por exemplo, tornam possível dividir com contatos — em tempo real — informações e vivências baseadas no contexto em que o usuário encontra-se inserido. Ele observa que a simples pergunta “Onde você está?”, típica de usuários de celulares, revela a importância do contexto na comunicação móvel. Há deslocalização, sem que a noção de distância ou de lugar desapareça (LEMOS, 2009b, p. 31).

Recentemente, dados liberados pelo *Twitter*³ sobre postagens no período da Copa do Mundo apontaram para um número recorde de compartilhamentos de fotos e materiais audiovisuais durante as partidas de futebol. Torcedores falavam em tempo real sobre a experiência de assistir a um jogo do Mundial, comentavam os lances, divulgavam informações de bastidores e postavam nas redes sociais o material produzido por eles mesmos. Foram, no total, 48,5 milhões de fotos publicadas de dentro

³ O Twitter divulgou, em abril de 2014, que 80% de seus usuários acessam a rede social através de smartphones. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/04/1441760-usuarios-moveis-sao-80-do-twitter-no-brasil.shtml>

dos estádios ao longo de 64 partidas, com um investimento de 226 milhões de reais em estruturas de rede móvel⁴.

Trata-se de uma grande revolução nos usos tecnológicos, já que, além de consumir entretenimento e informações, qualquer usuário de *smartphone* ou *tablet* pode também produzir e divulgar conteúdos em movimento pelo espaço físico. O que aconteceu na Copa demonstra que a mobilidade informacional transforma o modo de ver e de interagir com situações e lugares. Disseminam-se, cada vez mais, o desejo e o hábito de dividir virtualmente as vivências cotidianas, naturalmente atreladas a um espaço físico.

Outro exemplo que podemos citar sobre a relevância do papel do território, mesmo no contexto da mobilidade, é a ferramenta de compartilhamento da localização geográfica do usuário no *WhatsApp*. A funcionalidade é capaz de capturar o exato local de onde o emissor fala e de revelar o endereço aos contatos da lista, através de um mapa. Esse dado converge com a conclusão de André Lemos:

O ponto de ônibus, as ruas, os cafés, as praças, as bibliotecas etc. ganham qualidades informacionais, mas não deixam para trás suas características essenciais. Podemos mesmo dizer que são os mesmos lugares de sempre, ampliados por novas funções informacionais que os colocam na dimensão do fluxo e da mudança da sociedade da informação (LEMOS, 2009b, p. 33).

Rosalía Winocur resume que os espaços virtuais oferecem mais uma continuidade do que uma ruptura com o mundo real. Ela sugere que os usuários do celular, especialmente os jovens, transitam com bastante naturalidade entre territórios físicos e virtuais, sem que um elimine o outro. Indica a autora:

A intensa experiência de socialização digital não substitui o mundo palpável, mas cavalga sobre ele. As pessoas não deixam de estar conectadas à rede, embora tenham interrompido a conexão física, e não deixam de estar conectadas com o mundo real, ainda que estejam fisicamente conectadas à rede (WINOCUR, 2009, p. 63-64).

⁴ Mariana Congo, “A Copa das redes sociais, das selfies e da segunda tela”, Estadão, 14 de julho de 2014.

Mesmo com as aproximações facultadas pelos meios tecnológicos, a distância geográfica não pode ser completamente superada. Em vez de excluir o território, as tecnologias parecem criar novas especializações (LEMOS, 2009b, p. 28) e, portanto, levam também a outras formas de lidar com lugar, distância e presença, que modificam, mas não aniquilam as estruturas espaciais tradicionais.

Em síntese, acreditamos que a relação entre mobilidade e território complexifica as noções tradicionais de espaço, fazendo com que o ambiente físico adquira diferentes significados para os usuários, sem deixar, porém, de exercer funções importantes na relação com outras pessoas e com a informação.

Sociabilidade e identidade na comunicação móvel

Se considerarmos identidade como o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou conjunto de atributos inter-relacionados” (CASTELLS, 1999, p.22), iniciamos as discussões partindo do princípio de que as ideias que temos de identidade são efetivamente uma construção, isto é, não possuem origens naturais ou biológicas, mas se baseiam em fenômenos históricos, culturais e sociais. Como acredita Stuart Hall, “a identidade não é tão transparente como pensamos. É uma produção que nunca se completa, está sempre em processo” (HALL, 1996, p. 68).

Nas últimas décadas, autores da teoria social detectaram profundas mudanças no modo de se perceber a identidade cultural. As transformações da sociedade na modernidade tardia suscitam o enfraquecimento das antigas formas de identidade e o surgimento de novos fatores de identificação.

Stuart Hall (2006) aponta uma transformação estrutural em curso, desde o fim do século XX, que vem fragmentando paisagens culturais de classe, nacionalidade, gênero, etnia e raça, que antes nos ligavam de maneira sólida e fixa como indivíduos sociais. A consequência direta dos reordenamentos seria, para ele, a reconfiguração de

nossas identidades pessoais. O processo que autores como Stuart Hall nomearam como “crise de identidade” faria parte de um “movimento mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam ao indivíduo uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 9).

Um dos principais efeitos dessa reestruturação é que no mundo pós-moderno, caracterizado pela formação de uma sociedade em rede, a identidade não se vincula a uma única cultura, tradição, território ou idioma, mas se constrói com base em elementos globais e multiculturais. Stuart Hall observa que, assim “como nosso mundo ‘pós-moderno’, nós somos também ‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade” (HALL, 2006, p.10).

Jesus Martín-Barbero resalta as mudanças de lugar da cultura e da identidade no mundo pós-moderno. Para ele, tais transformações ocorrem quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ter função estritamente instrumental, para se tornar organizadora das estruturas da sociedade, influenciando modos de percepção e de formação de identidades. O autor explica que a globalização e o desenvolvimento tecnológico aprofundam o desenraizamento e inscrevem as identidades na lógica dos fluxos.

Até pouco tempo, falar de identidade era falar de raízes, isto é, de costumes e território, de tempo longo e de memória simbolicamente densa. Disso e somente disso estava feita a identidade. Mas falar de identidade hoje implica também falar de migrações e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e fluidez (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 61).

Kathryn Woodward acentua que a dispersão de pessoas pelo mundo e a maior conexão entre as diversas zonas do planeta produzem identidades “que são moldadas em diferentes lugares e por diferentes lugares (...). Algumas dessas identidades não têm uma ‘pátria’ e não podem ser atribuídas a uma única fonte” (WOODWARD, 2000, p. 24). Edward Said (1979) classifica esse processo que estamos abordando de “condição generalizada de sem-teto” e explica que “as identidades estão se tornando cada vez

mais, senão totalmente desterritorializadas, ao menos territorializadas de uma maneira diferente” (SAID, 1979, p. 18).

Em um mundo instável e hiperveloz, identidades fixas e rígidas entram em crise. Seria impossível, segundo Zygmunt Bauman, que os indivíduos reivindicassem para si próprios uma única identidade e tivessem que mantê-la por toda a vida. Na sociedade de redes e fluxos, ele destaca, “as identidades ganharam livre curso e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

A facilidade de diálogo entre indivíduos pertencentes a regiões, países e grupos sociais distintos, principalmente através dos dispositivos tecnológicos, estimula a aproximação e o intercâmbio entre grupos de pessoas com interesses, preferências e hábitos em comum. Para Manuel Castells, na medida em que esses grupos se consolidam e se unem em função de valores compartilhados, eles criam novas linguagens e códigos, além de personalizarem os usos das tecnologias, o que leva ao surgimento de uma identidade coletiva específica (CASTELLS, 2007, p. 229). É o caso das abreviações utilizadas em conversações instantâneas, como *WhatsApp*, chats, SMS etc.

Jesus Martín-Barbero analisa que a identidade de um sujeito individual depende e se sustenta do reconhecimento dos outros. Seguindo esse raciocínio, podemos falar nas redes de comunicação móvel como um espaço de busca por aceitação de grupos de sociabilidade, em especial no caso dos jovens. Isto é, partindo de códigos, costumes e ideias em comum, os usuários encontram nesse tipo de interação formas de se sentirem inseridos socialmente. Para Martín-Barbero, “a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, já que é aí que indivíduos e grupos se sentem depreciados ou reconhecidos pelos demais. As identidades/cidadanias modernas se constroem na negociação do reconhecimento pelos outros”.

Embora afirmemos que a participação dessas tecnologias digitais na mediação das relações sociais altera as dinâmicas da vida cotidiana e a formação de identidades,

devemos considerar, mais uma vez, que a dimensão do real não é completamente substituída ou eliminada.

Conclusão

A partir das análises apresentadas, o objetivo deste artigo foi o de desenvolver reflexões sobre as conflitantes ligações entre comunicação móvel e espaço físico. Procuramos, por meio do diálogo com diversos autores, mostrar de que forma as recentes transformações decorrentes de avanços tecnológicos influem nas relações dos sujeitos com o território à sua volta.

Essas relações dos usuários de tecnologias móveis com o território devem ser avaliadas como processos complexos, que não levam à anulação de distâncias, de fronteiras e de espaços físicos. Além disso, a oposição entre “presença” e “ausência” deixou de ser estabelecida por critérios puramente objetivos. As discussões relançadas neste trabalho deixam claro que as constantes transformações contemporâneas exigem outros modos de pensar, menos rígidos, fixos e definitivos.

Acreditamos que aplicativos de comunicação instantânea fazem surgir novos espaços, experiências e práticas que aceleram as partilhas e trocas e que contribuem para formação e afirmação de identidades. Isto é, diante das relações sociais intermediadas pelos dispositivos móveis em tempo real, um número cada vez mais significativo de pessoas já não se circunscreve a identidades territorializadas, mas busca no ecossistema virtual, aí incluídos os meios móveis, identificações e partilhas por afinidades eletivas. O que aproxima e eventualmente une indivíduos e comunidades em torno de interesses, hábitos e gostos em comum abrange agora não somente elementos constitutivos de uma cultura local fixa, como também práticas e possibilidades que se gestam no âmbito virtual, em aplicativos e *softwares* para computadores, celulares e *tablets*.

Isto não quer dizer que as relações virtuais necessariamente anulem as relações físicas, e sim que, através das tecnologias móveis, fragmentos do cotidiano e hábitos

culturais de pessoas – que, muitas vezes, encontram-se separadas geograficamente – se mesclam, interferindo direta e diariamente na formação das identidades de cada um.

Como nos mostram Ferguson e Gupta (2000), apresenta-se, cada vez mais, o desafio de lidar com as “paisagens fraturadas” e com a “transformação cultural situada dentro de espaços interligados” (FERGUSON; GUPTA, 2000, p.33). Do mesmo modo, as concepções tradicionais de espaço devem ser reavaliadas no contexto das novas tecnologias móveis, que alteram profundamente as relações entre pessoas e território. Reverberamos aqui a característica principal que Kathryn Woodward (2012) atribui ao mundo globalizado: um tempo de total colapso das velhas certezas e de produção constante de novas formas de posicionamento.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. *Culturas híbridas*. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2013.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (vol. 1: A sociedade em rede). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (vol. 2: O poder da identidade). 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global*. Madrid: Ariel/Fundación Telefónica, 2007.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. “Identidade Cultural e diáspora”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, nº 24, p. 68-76, 1996.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FERGUSON, James; GUPTA, Akhil. “Mais além da ‘cultura’: espaço, identidade e política da diferença”. In: ARANTES, Antônio (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000.

LEMOS, André. “Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade”. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*. Curitiba, nº 2, julho-dezembro 2010.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. *Comunicação e mobilidade, aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009a.

_____. “Cultura da mobilidade”. *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009b.

LÉVY, Pierre. *A cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. “Desencuentros de la socialidad y reencantamientos de la identidad”. *Revista Anàlisi: Quaderns de comunicació i cultura*. Barcelona, 2002.

_____. “Técnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século”. In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTIN, María Victoria. “Identidades juveniles móviles: la (re)configuración de lo social a partir del uso de la telefonía celular”. *Revista Faro*, Valparaíso, nº 8, 2009.

_____. “El Papel del Teléfono Celular en la conformación de la Identidad y la Seguridad Ontológica de los Jóvenes”. *Revista Diálogos de la Comunicación*, Cali, nº 84, 2012.

PELLANDA, Eduardo. *Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações*. Texto apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Natal, 2 a 6 de setembro de 2008.

SAID, Edward. "Zionism from the standpoint of its victims". *Social Text*, nº1. P. 7-78 1979.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *O país distorcido: Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

WINOCUR, Rosalía. *Robinson Crusoe ya tiene celular*. México: Siglo XXI/Universidad Autónoma Metropolitana, 2009.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.